

ECONOMIA



# Crise nos EUA derruba bolsas

BOLSA DE VALORES

Maus resultados de empresas e falta de confiança fazem Bolsa de Nova York cair 4,64%

Editoria de Arte

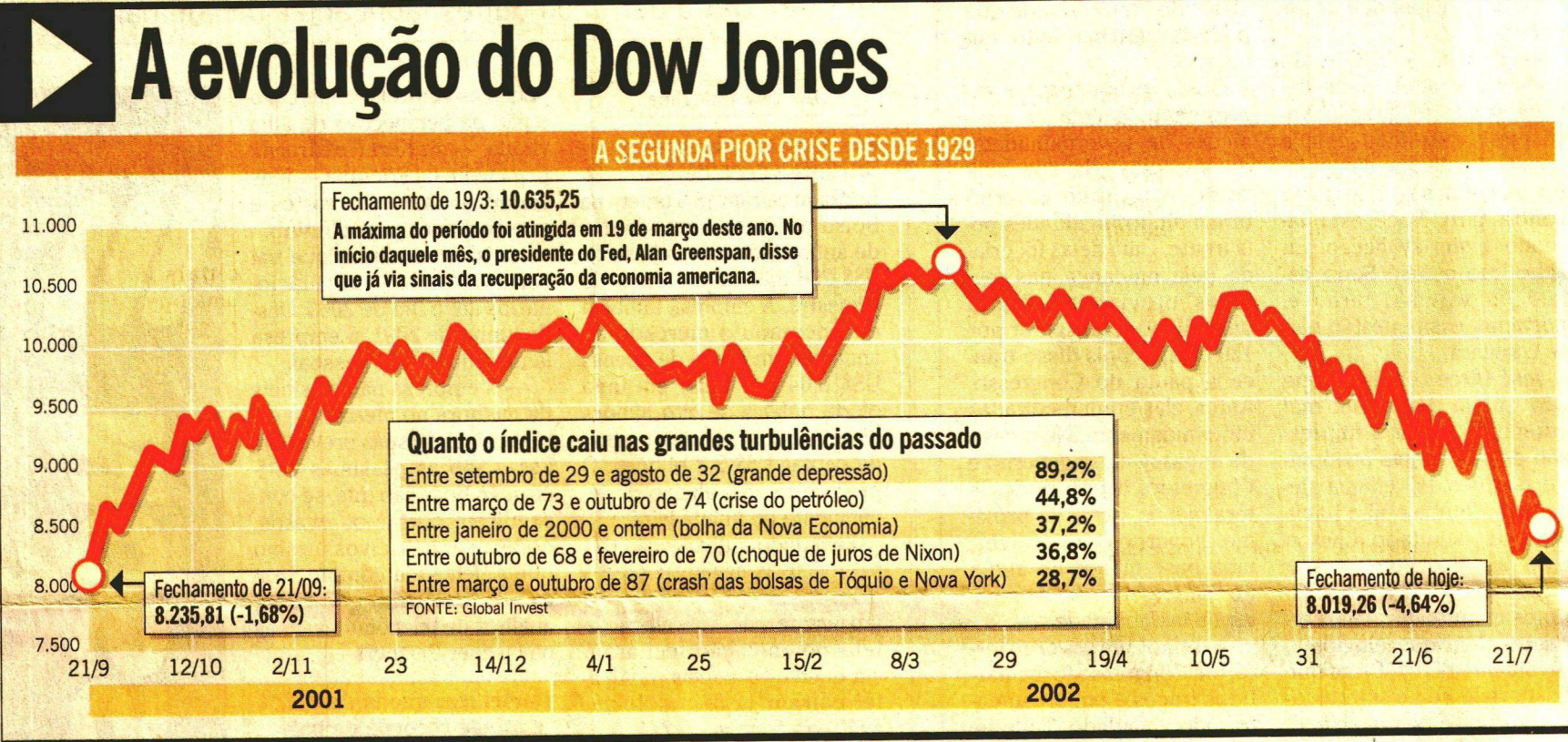
NOVA YORK

A crise de confiança nas grandes empresas, provocada pela onda de escândalos contábeis, e a divulgação de resultados trimestrais ruins nocautearam ontem os mercados mundiais. Em Nova York, o Dow Jones despencou 4,64%, voltando aos níveis de quatro anos atrás. O índice caiu 390,23 pontos, fechando a 8.019,26, deixando para trás o recorde histórico de 21 de setembro de 2001 (8.235,81 pontos). O Dow fechou em seu menor nível desde outubro de 1998, quando chegou a ficar abaixo dos oito mil pontos, e foi a sétima maior da sua história. Só este mês, o índice perdeu 1.300 pontos.

O S&P 500 caiu 3,84%, para 847,75 pontos, e o Nasdaq, das ações de alta tecnologia, recuou 2,79%, para 1.319,07 pontos, seu menor nível desde março de 1997. O euro atingiu nova cotação recorde frente ao dólar: em Londres, a moeda única europeia fechou a US\$ 1,0134, contra US\$ 1,0062 da quinta-feira (+0,71%).

Apesar de as bolsas terem voltado aos níveis anteriores à bolha das empresas pontocom de 1999/2000, a Casa Branca ainda acredita nos fundamentos da economia americana: — O presidente sabe que os fundamentos da economia são sólidos — disse a porta-voz da Casa Branca Claire Buchan. — Estamos trabalhando com o Congresso em políticas para fortalecer a economia, mas os fundamentos são sólidos.

Mas os investidores não vêem razão para otimismo. Desde o discurso de George W. Bush em Wall Street, no último dia 9, o Dow perdeu 13,5% e o Nasdaq, 6,2%. O déficit comercial dos EUA bateu em maio a cifra recorde de US\$ 37,6 bilhões, disse ontem o Departamento do Comércio.



A fabricante de computadores Sun Microsystems teve lucro no segundo trimestre, mas disse que terá prejuízo no corrente, e seus papéis desabaram 27%. A AOL Time Warner caiu 7% devido à mudança em sua diretoria. Com rumores de que a WorldCom pode pedir falência na próxima semana, seus papéis caíram 22%, mas fecharam estáveis. A sueca Ericsson, de equipamentos de telefonia, divulgou ontem um prejuízo maior que o esperado, derrubando as bolsas europeias: o FTSE 100, de Londres, caiu 4,63%, o CAC 40, de Paris, 5,4%, e o DAX, de Frankfurt, 4,37%.

Ontem, a farmacêutica Johnson & Johnson (-16%) confirmou que está sendo investigada pelo governo americano por suspeita de que um re-

médio para anemia estaria ligado a doenças na Europa e Canadá e por uma denúncia de fraudes contábeis em sua fábrica de Porto Rico.

— Não há razão para comprar — disse o diretor de Investimentos da Wachovia Securities à rede CNN. — A segunda-feira será horrível se não acontecer nada no fim de semana.

### Crise fez risco do Brasil subir 2,65%

• A derrocada das bolsas no mundo minou o otimismo no mercado brasileiro. Apesar da expectativa positiva com as visitas, semana que vem, da vice-diretora-gerente do Fundo Mo-

netário Internacional (FMI), Anne Krueger, e do secretário do Tesouro americano, Paul O'Neill, o mercado local foi arrastado por Wall Street. A crise de confiança nas empresas americanas acelerou a fuga de ativos de países emergentes, como o Brasil.

Com isso, o risco-país disparou 2,65%, para 1.550 pontos centesimais, perto das máximas. Isso significa que os papéis brasileiros pagavam ontem 15,50 pontos percentuais acima da taxa paga pelos títulos do Tesouro americano. O C-Bond, título mais negociado da dívida brasileira, chegou a subir quase 1% ao longo do dia, mas fechou com ganho de 0,05%, cotado a 63,56% do valor de face.

O dólar comercial chegou a subir 1,30%, sendo negociado a R\$ 2,887,

antes de o Banco Central vender sua ração diária de US\$ 50 milhões. A moeda americana fechou em alta de 0,6%, a R\$ 2,867. As taxas de juros futuras, porém, continuaram a ceder. Os contratos mais negociados, para janeiro de 2003, recuaram 0,08%, apontando uma taxa de 21,11% no fechamento, contra 21,12% do dia anterior. A Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) caiu 2,12%.

— A Bovespa manteve-se firme, com a perspectiva de um acordo de transição com o FMI. Se não fosse a queda dos mercados internacionais, teríamos tido ontem mais um dia de valorização na bolsa paulista — diz Aristides Jannini, diretor-executivo de fundos de investimento do WestLB Banco Europeu. ■